

MARCOS
VALLE

DO BRASIL

BEBEL GILBERTO ★ QUARTETO DO RIO ★ SILVA ★ EDDY MITCHELL ★ ZELIA DUNCAN ★ SEU JORGE
ZÉ IBARRA ★ SIMONE ★ ROGÉ ★ FÉFÉ ★ DORA MORELENBAUM ★ MORENO VELOSO
FLORE BENGUIGUI ★ PAULA MORELENBAUM ★ ROBERTO MENESCAL ★ JOYCE MORENO

HENRI
SALVADOR



L'HOMMAGE DU BRÉSIL
AUX GRANDES CHANSONS
D'HENRI SALVADOR

DISPONIBLE LE 26 JUIN 2026



INCLUS LE TITRE INÉDIT "JE PARIE"
AVEC HENRI SALVADOR
ET PAULA MORELENBAUM



Henri do

HENRI
SALVADOR



Se há um papel que Henri Salvador não cumpriu, foi o de ícone pop. Promotor da biguine moderna em 1950, guitarrista de jazz, pioneiro do rock na França ao lado de Boris Vian, Henri, o sul-americano (da Guiana Francesa), reorienta sua inspiração com «Chambre avec vue» (2000), álbum para o qual Keren Ann e Benjamin Biolay lhe oferecem, entre outras, “Jardin d’hiver”. Henri Salvador apropria-se dessa canção para transformá-la em uma deliciosa bossa nova suave, de uma elegância intimista e sutil.

Foi, portanto, ousado confiar a releitura de Salvador a Marcos Valle, expoente do jazz-funk made in Rio. Carioca de sangue puro, tão aficionado pelo surfe quanto Henri pela petanca, Marcos Valle foi, no entanto, escolhido como arranjador e diretor musical deste “Salvador do Brasil”, mais do que um álbum, um projeto multifacetado – relembrar os talentos de melodista de Henri Salvador, destacar sua proximidade com o Brasil, infundir uma energia americana (norte e sul) em canções francesas do patrimônio cultural, etc

Marcos Valle reinterpretou com elegância onze canções «salvadorianas», selecionadas desde as primeiras, datadas de 1948, até as do período «bossa» dos anos 2000. Com um bônus: uma faixa inédita, “Je parie”, um hino ao Corcovado, a Paris e ao amor, interpretada por aula Morelembaum – e a voz de Henri como pano de fundo. Marcadapelos sons do pop californiano, a “mão” de Marcos Valle é reconhecível pelo uso de sintetizadores, etéreos e brilhantes, e por sua energia incisiva na mistura de ritmos. Assim se dá a transformação de Jardim (Jardin d’hiver) em um mambo elétrico, interpretado por Simone, ícone pop.

Cabelos longos, camisa florida, eterna juventude, Marcos Valle não teve nenhuma dificuldade em reunir uma constelação de artistas emblemáticos — de Seu Jorge a Bebel Gilberto, passando por Moreno Veloso, Rogê, Simone e Zélia Duncan, até Zé Ibarra, a nova estrela, nascido em 1996. Porque eram ele (Marcos) e ele (Henri do Brasil).

Após o lançamento, em 1959, do álbum fundador da bossa nova, “Chega da Saudade”, de João Gilberto, surgiu uma segunda geração de músicos originários dessa revolução modernis-

ta. Logo após o golpe militar de 1964, Marcos Valle, nascido em 1943, juntou-se a Sergio Mendes, refugiado em Los Angeles, e ao seu grupo Brasil’s 65. Com a voz de Wanda Sà, eles lançaram uma versão em inglês de “Samba de Verão”, que ele compôs em 1964 com seu irmão — “So Nice” foi um sucesso mundial.

Marcos Valle colabora posteriormente com o cantor de soul Leon Ware (Estrelar, 1983). Ele é hoje um dos músicos brasileiros mais sampleados no mundo, por DJs e rappers, de Jay-Z a Kanye West.

Para selar a parceria entre Salvador e Marcos Valle, era preciso um facilitador. Esse papel coube a Emmanuel de Ryckel, um belga apaixonado por Ipanema e sua música e quem se aproximou de Henri. Ele guarda na memória uma noite de 2006, no Rio. Nessa ocasião, conheceu Henri Salvador e Alain Artaud, o produtor que convidou Henri para gravar seu álbum «Révérance» no Brasil e que, desde então, tornou-se parceiro desse projeto. Depois de «Chambre avec vue» e «Ma chère et tendre» (2004), a ligação com o Brasil continua: o presidente Lula o condecora (Grã-Cruz), o ministro da Cultura (Gilberto Gil) pega no violão. Há uma festa, com a nata da bossa nova

Ao passar por ali, Marcos Valle se junta a eles e começou a cantar «Rose», uma canção de 1958, junto com um Salvador em franca gargalhada. Não é por acaso. Nascido no país vizinho, a Guiana, de pais guadalupenses, Henri Salvador (1917-2008) chega ao Brasil pela primeira vez em 1942, sendo recrutado na Croisette por Ray Ventura, forçado a se afastar pelas leis antijudaicas. Sobre o jovem guitarrista, Ventura diz: “Com esse mestiço, tudo é luxo!”.

Chegam ao Rio, cidade que na época adorava crooners com vozes, melosas. A orquestra, Les Collégiens, toca um swing alegre. As senhoras da alta sociedade em roupas de peles e os playboys do Casino, da Urca “ficam de mau humor”, segundo Henri, que leva a melhor fazendo-os rir. Ventura parte para os Estados Unidos, ele fica. Sem um centavo, mas apaixonado pelo país, ele vive lá por quatro anos. Tem todo o tempo do mundo para construir uma reputação.

De volta à França em 1948, Salvador faz sucesso com «Maladie d’amour», uma canção tradi-

SORTIE JUN 26

cional criada por sua tia, a cantora de biguine Leona Gabriel. Marcos e Emmanuel confiaram a música a Rogê, mestre do samba-funk, e a Féfé. Em 1950, com letra de Maurice Pon, Henri compõe «Le Loup, la biche et le chevalier» (uma canção doce) inspirada em sua mãe afro-indígena, Antonine Paterne. Bebel Gilberto, musa do electro-bossa, acelera o ritmo. Em 1959, Henri se diverte com seus amigos, Boris Vian, Quincy Jones e Eddy Barclay, compondo “À Cannes cet été”. Eddy Mitchell, que a regravou em 2011, apresenta agora uma versão melancólica com cordas, ao lado de Zelia Duncan, voz flexível e poderosa.

Em 1959, Salvador está longe do Brasil, mas o Brasil o guarda no coração. E como não dá para fazer tudo (exceto um volume II, para o qual grandes artistas já gravaram: Luiza Jobim, Vinicius Cantuaria, Leila Pinheiro, Luedji Luna...), não se encontrará neste «Salvador do Brasil» a canção que transformou o francês em um herói brasileiro: «Dans mon île». Composta em 1958 (novamente com Maurice Pon), ela ilustra um docuficção de má qualidade, “Europa di Notte”, exibido em 1959 em um cinema de Copacabana frequentado por dois jovens apaixonados, Roberto Menescal e Nara Leão. Figuras de proa do modernismo da bossa, eles aprenderam a música de cor. Tom Jobim é informado do fato. Brincalhão por natureza, ele dirá: “Henri Salvador inventou a bossa nova”. Em 1981, o tropicalista Caetano Veloso reinterpreta “Dans mon île” e diz de Salvador que ele é “imenso”.

Henri Salvador tinha seus letristas favoritos, como Maurice Pon («Et des Mandolines», 1974, na voz de Dora Morelbaum), mas também Bernard Michel («Pauvre Jésus Christ», 1972, com Silva e o Quarteto do Rio).

Marcos Valle e Emmanuel acharam que certas interpretações mereciam ser acompanhadas por letras em português. A encomenda foi feita a Lucas Santtana, artista brasileiro radicado na França. É em português que Seu Jorge transforma a muito política “Les voleurs d’eau” em um afro-samba com arranjo de rum. Mas é em francês que Zé Ibarra nos leva a bordo de seu Wagon: «C’est beau la France, quand on n’est pas pressé», ao estilo music-hall. E lá vamos

nós embarcar em uma viagem de onze canções, criadas por um especialista em farniente e revisadas por um Brasil entusiasmado e ardente.



SORTIE LE 26 JUIN 2026

FACE A

- 1 **BEBEL GILBERTO**
UMA CANÇÃO DOCE (LE LOUP, LA BICHE ET LE CHEVALIER) 4'17
- 2 **QUARTETO DO RIO, SILVA**
PAUVRE JESUS CHRIST 5'11
- 3 **EDDY MITCHELL** AVEC LA PARTICIPATION EXCEPTIONNELLE
DE ZELIA DUNCAN
À CANNES CET ÉTÉ 4'23
- 4 **SEU JORGE**
LES VOLEURS D'EAU 4'52
- 5 **ZÉ IBARRA**
LE WAGON 4'16

FACE B

- 1 **SIMONE**
JARDIM (JARDIN D'HIVER) 4'04
- 2 **ROGÊ, FEFÉ**
MALADIE D'AMOUR / MAL DE DESAMOR 3'29
- 3 **DORA MORELENBAUM**
ET DES MANDOLINES 4'21
- 4 **MORENO VELOSO, FLORE BENGUIGUI**
CHAMBRE AVEC VUE 2'30
- 5 **PAULA MORELENBAUM, HENRI SALVADOR**
JE PARIE 4'53
- 6 **JOYCE MORENO, MARCOS VALLE**
ROSE 3'40



DISPONIBLE
EN SIMPLE LP / CD
ET SUR TOUTES LES PLATEFORMES.

CONTATO:

Emmanuel de Ryckel ederyckel@aol.com

Whatsapp: +33672756842

